

Campanhas eleitorais em geral não são espaços de cordialidade. E, por mais que os candidatos evitem ataques mútuos, o mesmo não se pode garantir do comportamento da *entourage* de um e de outro. E dessa guerra de assessorias é que poderiam resultar episódios desagradáveis.

A hipótese de ter de escolher palanques para subir em Minas se Itamar vier a se candidatar ao governo do estado é contornada inicialmente por uma evasiva — “a eleição esta muito longe” — seguida por uma indicação quase precisa de que não só os mineiros mas provavelmente muitos aliados deixarão de contar com a presença do presidente em suas campanhas. “Na outra eleição não subi nos palanques estaduais, posso perfeitamente fazer o mesmo agora.”

De qualquer forma, seu candidato em Minas hoje é Eduardo Azeredo. Não esconde, porém, a preocupação com a repercussão política da revolta da polícia mineira sobre o governador. Ele garante que não tem opinião formada e que tudo vai depender da avaliação da população. Se acreditar que a polícia agiu mal, Azeredo sairá ileso. Mas ficará abalado caso a interpretação seja a de que tudo resultou de uma fragilidade do governo.

De qualquer forma, antes da crise, aponta, ele não enfrentava os problemas que Marcello Alencar e Mário Covas vivem com seus índices de popularidade, muito baixos. “Muitos outros governadores que não são tucanos também enfrentam o mesmo problema”, tenta desviar.

Reafirma apoio aos dois — faz milhões de elogios a um e a outro — e considera que é cedo para dizer que enfrentarão a reeleição em situação desfavorável. “Vou ajudá-los, como presidente e como candidato, sem que para isso precise fazer uso da máquina administrativa. Mas acho que ambos têm todas as condições de reverter um quadro circunstancialmente adverso.”

Nem por um momento sequer faz a mesma deferência em relação a César Maia e Paulo Maluf, mas também nem por um instante confere com assertividade a condição de inimigos a nenhum dos dois. Bem ao figurino da frase de Ulysses.

Acha que os encontros que teve com Conde e Maluf foram cercados de excessiva dramaticidade e interpretações conspiratórias. O prefeito do Rio, Fernando Henrique recebeu numa audiência formal marcada pela assessoria. O que se especulou a partir daí fica, na opinião do presidente, por conta e risco do freguês. Admite, no entanto, que no caso do Rio a situação ideal seria mesmo a de uma aliança entre PFL e PSDB.

Quanto ao ex-prefeito de São Paulo, lembra que muita gente do alto tucanato já esteve conversando com Maluf sem que ele, Fernando Henrique, tivesse conhecimento prévio. “Nem por isso sai brigando com alguém.”

Evidentemente, nem cogita da hipótese de analisar a possibilidade de vir a fechar acordos com Maluf, entre outras coisas pelo reconhecimento da evidência de que para se eleger governador de São Paulo o ex-prefeito não precisa do presidente da República. “De mais a mais, no PSDB as coisas não são assim. Não se tomam decisões isoladas em nome de ninguém.”

E, ao final da opereta, sai-se com a impressão de que o presidente não quer mesmo é antecipar determinadas discussões, criar para si problemas para os quais ainda não tem — e talvez nem venha a ter — soluções.

**“Na outra
eleição não
subi em
palanques
estaduais.
Posso fazer o
mesmo agora.”
(Fernando Henrique)**

FHC

29 JUN 1997

2 JORNAL DO BRASIL

JORNAL DO BRASIL

COISAS DA POLÍTICA

■ DORA KRAMER

De braços com o inimigo

Boa providência para entender o que move o presidente Fernando Henrique Cardoso nas suas recentes articulações políticas que buscam arrumar os palanques de 1998, é revisitar Ulysses Guimarães. “É preciso estar sempre colado no adversário” é o lema que o presidente adota, inspirado em frase do doutor Ulysses.

A partir dela, Fernando Henrique tenta separar verdades e mentiras que envolvem principalmente suas relações com os governadores dos três mais importantes estados do país — Rio, São Paulo e Minas Gerais —, todos tucanos, todos enfrentando momentos difíceis, todos supostamente atingidos no fígado pelo próprio presidente, que deu de se aproximar de seus adversários estaduais.

Quem considera apenas uma suposição a desfeita aos governadores é o próprio Fernando Henrique. Primeiro porque acha que nenhum deles ficou sinceramente ofendido pelo fato de, num espaço breve, terem assistido a um conjunto de encontros — com Paulo Maluf, Itamar Franco e Luiz Paulo Conde — de simbologia nefasta para o PSDB.

“São todos políticos experientes, sabem que política não se faz com os amigos. Só bobo faz isso, pois os amigos já estão ao nosso lado. Como dizia o Ulysses Guimarães, o negócio é estar colado no adversário o tempo todo, neles é que reside o perigo.”

Mas, então, por esse raciocínio, pode-se concluir que aos inimigos ficam reservados os privilégios? “Não é isso, devem ser tratados como adversários, mas sem lhes dar a liberdade de estarem contra você.”

Na categoria adversário não está incluído, por exemplo, Itamar Franco. Não, esse é um companheiro fraterno. “Gosto sinceramente dele, embora não tenha a mais remota idéia do que, na verdade, ele fará na eleição.” O presidente reconhece que será um “desconforto” eventualmente concorrer com ele à presidência da República.